

DOSSIÊ TEMÁTICO

Prática Pedagógica

A diversão como um dos sentidos da escola: um estudo de narrativas de graduandos de matemática

Fun as one of the meanings of school: a study of narratives of mathematics undergraduate students

La diversión como uno de los sentidos de la escuela: un estudio de narrativas de graduandos en matemáticas

Renan Marcel Barros dos Santos
Universidade de São Paulo - Brasil

Rita de Cassia Gallego
Universidade de São Paulo - Brasil

Resumo

O presente artigo discute a *diversão* como um dos sentidos atribuídos à escola, sendo essa considerada em três dimensões: suspensão da realidade, dilatação da realidade e antecipação da realidade, com base nas contribuições de Marias. A análise é alicerçada em entrevistas narrativas realizadas com sete estudantes da graduação em Licenciatura em Matemática do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, sendo esta parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado, que teve como inquietações: *O que a escola faz com o sujeito?* e *O que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez?*. A pesquisa com os sete sujeitos buscou identificar e compreender sentidos da escola em diferentes fases da vida – *antes, durante e após* a escola – e suas contribuições para

a constituição dos seus projetos pessoais. De modo geral, os anos iniciais das nossas vidas acontecem dentro da escola, onde se dá um dos primeiros contatos com o mundo para além da família. Lá aprendemos a nos relacionar, a contar, ler e escrever, entre outros saberes. Passar pela escola, em tese, possibilita a ascensão social. Mas, para que servem as escolas? Essas são construções e representações sociais, porém, cada sujeito, em sua experiência, lhe atribui um sentido. Um dos sentidos destacados pelos sujeitos foi a *diversão* que a escola proporcionou-lhes. Conforme se trará neste artigo, a escola, ao final, pode ser considerada divertida. A constituição da *identidade* social do sujeito é discutida a partir de *projeto* (Velho, Machado) e *memória* (Delory, Souza, por exemplo).

Palavras-chave: Educação matemática. Memórias de formação. Sentidos da escola.

Abstract

This article discusses *fun* as one of the meanings associated to school. It is taken into consideration in three dimensions: the suspension of reality, the expansion of reality and the anticipation of reality, based on the contributions of Marias. The analysis is centered in narrative interviews with seven students of Mathematics Licentiate at University of São Paulo Mathematics and Statics Institute, being part of a Master's level investigation, anchored at the following questioning: *What does the school do to subjects?* and *What do the subjects do with what the school has done to them?* The research with the seven subjects had the goal to identify and understand the meanings attached to school in different periods of one's life – *before*, *during* and *after* school – and the contributions they provide for their personal projects. Frequently, one's early years are spent inside a school, where one of the first contacts with life outside the family takes place. It is there that we learn how to relate to people, to count, to read and to write, amongst other findings. Attending a school, in theory, makes it possible for people to ascend socially. But, what are schools for? These are socially built constructions and representations, although each person, from their personal experience, gives it a meaning. One of the meanings emphasized by the subjects was how much *fun* school had provided them. As it will be shown in this article, school can be considered fun. The construction of the subject's social *identity* is discussed based on *project* (Velho, Machado) and *memory* (Delory, Souza, for example).

Keywords: Mathematics education. Memory of education. Meanings of school.

Resumen

Este artículo aborda la *diversión* como uno de los significados atribuidos a la escuela, siendo esa considerada en tres dimensiones: suspensión de la realidad, dilatación de la realidad y anticipación de la realidad, basado en las contribuciones de “Marias”. El análisis se basa en entrevistas narrativas realizadas con siete estudiantes de la Licenciatura en Matemáticas del Instituto de Matemáticas y Estadística de la Universidad de São Paulo, siendo esta parte de la investigación desarrollada en el ámbito del Máster, que ha tenido como inquietudes: ¿*Qué hace la escuela con la persona?* y ¿*Qué hace la persona con aquello que la escuela se lo hizo?* La investigación con los siete estudiantes buscó identificar y comprender sentidos de la escuela en diferentes fases de la vida - *antes, durante y después* de la escuela – y sus contribuciones a la constitución de sus proyectos personales. Por lo general, los años iniciales de nuestras vidas se pasan dentro de la escuela, donde se suceden los primeros contactos con el mundo, además de la familia. Allí, aprendemos a relacionarnos, a contar, leer y escribir, entre otros conocimientos. Pasar por la escuela, en teoría, permite la ascensión social. Pero, ¿para que sirven las escuelas? Esas son construcciones y representaciones sociales, pero, cada persona, en su experiencia, le atribuye un sentido. Uno de los sentidos destacados por los estudiantes fue la *diversión* que la escuela les proporcionó. De acuerdo con lo que se traerá en este artículo, la escuela, al final, puede ser considerada divertida. La constitución de la *identidad* social de la persona se discute desde el *projecto* (Velho, Machado) y *memoria* (Delory, Souza, por ejemplo).

Palabras clave: Educación matemáticas. Memorias de formación. Sentidos de la escuela.

Introdução

Este artigo tem por objetivo discutir um dos sentidos da escola para graduandos de Licenciatura em Matemática do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME/USP): a escola como lugar de *diversão*, sendo essa considerada em três dimensões: suspensão da realidade, dilatação da realidade e antecipação da realidade, com base nas contribuições de Marias (1989). A análise será ancorada em sete entrevistas narrativas biográficas, as quais consistem fontes nucleares da pesquisa realizada em nível de mestrado, na Faculdade de Educação da

Universidade de São Paulo (SANTOS, 2015). Essa pesquisa foi alicerçada em duas questões: o que a escola faz com o sujeito? e o que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez?. Porém, tendo em vista diversos tipos de limitações, foi feito um recorte para se pensar as questões. Foram escolhidos sete estudantes do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de São Paulo que estavam em diferentes momentos da graduação, no início, no meio e no fim, se considerar os semestres letivos. Esses graduandos produziram histórias de suas vidas, de modo que foi possível se aproximar do objeto de interesse. A abordagem da pesquisa autobiográfica se deu segundo Christine Delory-Momberger (2006). Para a autora, é impossível atingir diretamente o vivido e só se tem acesso a ele por meio da mediação das histórias: “nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida” (2006, p. 363). Porém, é preciso considerar duas impossibilidades narrativas da memória: lembrar tudo e narrar tudo. Foram feitas considerações acerca da memória e do tempo narrativo, uma vez que a memória é seletiva, isto é, suas articulações se dão em função do momento (POLLAK, 1992). Os sujeitos ao narrarem suas vidas acessam marcas com interesses e posições, moral e social, atuais. Logo, voltar ao passado a partir da memória resulta em encontrar uma das suas possíveis histórias. Vale destacar que

A pesquisa com narrativas (auto)biográficas ajuda-nos a perceber a singularidade da vida, contudo a forma como a contamos não é linear ou a-histórica. Cada um de nós, ao longo de nossa existência, esteve/está imerso em papéis e lugares sociais carregados de significados, e, geralmente, a totalidade de uma experiência que é manifestada também vem marcada de sentidos que, por sua vez, potencializam-se como processo de (auto) formação. (SOUZA; UZÊDA, 2009, p. 256)

Além disso, segundo Nacarato e Passeggi (2012, p. 213), assumir narrativas de formação "como práticas formativas traz para o âmbito das pesquisas em educação a atribuição de valor de conhecimento à subjetividade".

A pesquisa de mestrado desenvolvida mostrou-se relevante dado que um levantamento bibliográfico realizado acerca dos sentidos e das contribuições da escola na vida de sujeitos que cursam a graduação em Matemática apontou para a existência de algumas lacunas no campo educacional. Esse levantamento contou com cerca de 2000 trabalhos em plataformas como o Banco de Teses da CAPES, o SCIELO e o DEDALUS, referente à biblioteca da USP. Entre os resultados, constatou-se a produção de muitos trabalhos concluídos acerca dos sentidos da escola, porém esses foram voltados a estudantes da Educação Básica. No que diz respeito à área de Matemática, há vários trabalhos produzidos, tendo duas pesquisadoras expressivas, Nacarato (2013, 2013a) e Teixeira et. alli (2011), porém esses têm como sujeitos professores de matemática. De todos os trabalhos, cerca de dez se aproximavam efetivamente. Essa aproximação se deu pelo público alvo serem alunos de licenciatura, que ainda estão em formação. Entretanto, a associação entre licenciandos, entrevistas narrativas e os sentidos da escola não foi encontrada em nenhum trabalho, o que é um indicativo das contribuições trazidas pela pesquisa por nós empreendida.

O curso de Licenciatura em Matemática (IME/USP) conta com 50 vagas no período diurno e 100 vagas no período noturno e o ingresso se dá pela FUVEST, um vestibular específico para seleção dos candidatos do Ensino Superior da USP. Apesar de se tratar de uma das melhores universidades não apenas do país, mas da América Latina, o curso não é tão procurado e existe um alto o número de vagas se comparado a outros cursos. Por mais que exista uma seleção criteriosa para o ingresso, no geral, o público da Licenciatura em Matemática do IME é diferenciado. Muitos desses estudantes não são recém-concluintes da Educação Básica, trabalham durante o dia e cursam o Ensino Superior no período noturno. Dos seis cursos que são oferecidos pelo IME-USP, apenas dois, entre eles a Licenciatura em Matemática, é oferecido no período noturno. A diferença entre o período diurno e o período noturno é o tempo de curso, sendo 4 anos e 5 anos, respectivamente. Além disso, existem disciplinas obrigatórias de Matemática, Estatística, Computação e Educação.

Essa ampla formação possibilita a atuação dos licenciandos em diversas áreas. Durante a graduação, muitos dos alunos estagiam no setor financeiro, sobretudo em bancos. É um campo bastante atrativo, se comparado com as condições de trabalho da área da Educação. Em pesquisas anteriores, foi constatado que menos da metade dos formandos e licenciados em matemática atuam ou já atuaram na área de Educação, sendo que muitos sequer pisaram dentro da sala de aula e não conhecem essa experiência. Em um viés da pesquisa autobiográfica, por meio de entrevistas narrativas autobiográficas, os sete licenciandos escolhidos, colaboradores da pesquisa, contribuíram com suas histórias de vida para ajudar a responder as duas questões centrais do trabalho, *o que a escola faz com os sujeitos?* e *o que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez?* A entrevista narrativa autobiográfica

compreende três partes centrais. Com uma questão narrativa orientada autobiograficamente [...] desencadeia-se – como *primeira* parte – a narrativa autobiográfica inicial. Na medida em que o objeto da narrativa seja efetivamente a história de vida do informante e transcorrendo compreensível de forma que o ouvinte possa segui-la, não deverá ser interrompida pelo pesquisador-entrevistador. Somente após de uma coda narrativa [...], o pesquisador-entrevistador começa com suas perguntas. Na *segunda* parte central da entrevista, o pesquisador-entrevistador inicia explorando o potencial narrativo tangencial de fios temáticos narrativos transversais, que foram cortados na fase inicial em fragmentos nos quais o estilo narrativo foi resumido, supondo-se não serem de importância; [...] A *terceira* parte da entrevista narrativa autobiográfica consiste, por um lado, no incentivo à descrição abstrata de situações, de percursos e contextos sistemáticos que se repetem, bem como da respectiva forma de apresentação do informante; por outro, no estímulo às perguntas teóricas do tipo “por que?” e suas respostas argumentativas. [...] A entrevista narrativa autobiográfica produz dados textuais que reproduzem de forma completa o entrelaçamento dos acontecimentos e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia. (SCHÜTZE, 2011, p. 212)

Depois de produzidas, as entrevistas narrativas biográficas foram transcritas

para que os rascunhos de si se tornem visíveis aos olhos do seu autor, eles necessitam da mediação de instrumentos semióticos, para tomar corpo e se objetivar. A vida transformada em texto é passível de interpretações mais acuradas, pois é sobre o texto que se praticam, sem cessar, novas e permanentes exegeses. (PASSEGGI, 2010, p. 123)

Assim, referente à primeira questão, é possível pensar os diferentes sentidos da escola na vida desses colaboradores, diferentes momentos, divididos em antes de entrarem na escola, durante a etapa da Educação Básica e após a conclusão dessa modalidade de ensino; e a segunda questão, possibilita pensar como a escola contribui para a constituição dos projetos pessoais em suas vidas. Nesta oportunidade será apresentada uma das perspectivas de análise da pesquisa, que é o da *diversão* como sentido da escola na vida desses colaboradores. A seguir, serão apresentados os sujeitos da pesquisa e, então, indicadas algumas facetas da escola em questão, o curso dos colaboradores, para, então, se discutir as concepções da *diversão* como suspensão, dilatação e antecipação da vida real, conforme salientado anteriormente.

Sujeitos da pesquisa e suas trajetórias de formação

Nascido em 1985, Bruno foi o primeiro colaborador. Nasceu em São Paulo, mas passou parte da sua infância no Piauí, onde ingressou na Educação Básica. Aos 7 anos, sua família, composta por ele, pelos pais e por um casal de irmãos, voltou para São Paulo, onde vive até os dias de hoje. Filho de pais humildes, que não tiveram oportunidade de completar os estudos, sempre estudou em escola pública e, apesar de não existir grandes incentivos para os estudos por parte dos pais, nunca deixou de ir à escola. Seu pai acreditava que ele e o irmão seguiriam o mesmo caminho que ele, ou seja, que seriam ajudantes

de pedreiro; não tinha grandes perspectivas para os filhos. Se, por um lado, a condição financeira da família de Bruno não favorecia uma boa qualidade de vida, a escola era o lugar onde podia se destacar. Desde o início da sua vida escolar, era o primeiro da turma se considerar seu rendimento nas disciplinas. Além do bom desempenho, gostava bastante de ir à escola, pois era um lugar onde encontrava seus amigos e também por jogar futebol, outra situação de destaque. Sem quaisquer dificuldades de aprendizagem, tinha preferência pelas disciplinas da área das exatas. Sempre gostou de números. Seu avô, no Piauí, era professor de Matemática, fato que pode ter contribuído para isso, segundo Bruno. Conforme ia ficando mais velho, Bruno enxergava novas possibilidades na escola. Foi lá onde começou o interesse pelas primeiras meninas, onde se relacionou com as primeiras namoradas. A sua transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio foi marcada por grandes dificuldades dentro de casa, pois seus pais estavam se separando e a mãe não tinha condições de sustentar os três filhos. Nessa época, Bruno começou a fazer bicos para ajudar na renda de casa e precisou transferir os estudos para o período noturno. Quando completou 16 anos, Bruno conseguiu um emprego fixo de *office boy* em uma empresa. Estava tão cansado com a situação, que seu rendimento caiu bastante e chegou a cogitar a possibilidade de largar os estudos, mas foi impedido por sua mãe. O último ano escolar foi o mais difícil para Bruno. Ao sair da escola, concomitante ao trabalho, começou um curso técnico de contabilidade em uma escola municipal e, finalizando o curso, sentiu bastante falta do ambiente escolar. Foi quando, pela primeira vez, começou a pensar na possibilidade de entrar na faculdade. Acabou conhecendo a USP e prestou a FUVEST. Além dessa, também prestou para uma faculdade privada, mas não sentiu confiança na instituição e optou por não seguir com os estudos lá. Em 2006, fez um curso pré-vestibular e, dessa vez, entrou no curso de Licenciatura em Matemática, no período noturno, pois durante o dia trabalhava. Continuava na mesma empresa, mas o curso técnico lhe

garantiu uma promoção. Por causa da sua base defasada, o primeiro semestre da graduação de Bruno foi marcada por grandes dificuldades. Ele precisou se dedicar bastante para acompanhar o curso e percebeu que não seria possível conciliar o trabalho e os estudos, optando por sair do emprego. Não demorou muito para Bruno começar a dar aulas particulares de Física e Matemática e também para conseguir um emprego na área de Educação como plantonista¹ de curso pré-vestibular. Ainda sem completar o Ensino Superior, Bruno conseguiu um emprego de professor de Matemática em uma escola privada bastante conceituada. Além dessas atividades, Bruno também foi monitor de disciplinas da licenciatura. Foi na graduação que Bruno conheceu muitos dos seus amigos e sua companheira, mãe de suas duas filhas, com quem está até hoje. Na entrevista, Bruno apontou em seus próximos passos dar continuidade aos estudos, uma vez que pretende ser professor de Ensino Superior. Ele também falou da importância da Educação na sua vida, que fará de tudo para a escola ser tão boa na vida das suas filhas quanto foi para ele, e disse querer seguir como professor, mas não na rede pública de ensino, devido à desvalorização da profissão.

Thiago nasceu em 1989 e, à época, seu pai já era formado em Matemática e a mãe cursava um curso superior de contabilidade. O pai era professor e trabalhava em empresa, enquanto a mãe trabalhava em banco. Três anos depois, quando sua segunda filha nasceu, a mãe parou os estudos e saiu do trabalho. Desde pequeno, os pais de Thiago falam que os estudos são importantes, pois um bom emprego e uma boa qualidade de vida só serão possíveis por meio da Educação. Apesar de existir grande incentivo para frequentar a escola, o início na vida escolar de Thiago foi bastante difícil, uma vez que associava a escola ao distanciamento de sua mãe, pois era bastante apegado a ela. Com o passar do tempo, foi se acostumando com a ideia de frequentar a escola.

¹ O cargo de plantonista, geralmente em escolas da rede privada ou cursos pré-vestibular, visa atender, individualmente ou em grupo, estudantes em forma de plantão de dúvidas. No geral, os plantonistas resolvem e explicam exercícios que os alunos não conseguem fazer.

Apenas os dois primeiros anos de Thiago foram cursados na rede pública de ensino, em uma escola da prefeitura. Os anos posteriores foram todos em escolas privadas, concluindo a primeira etapa do Ensino Fundamental na Escola da Polícia Militar. Nessa escola, o intervalo era um momento esperado para Thiago, onde as crianças tinham liberdade para fazer o que quisessem. Segundo ele, eram muitas crianças para um único inspetor de pátio, mas na época não percebiam que ele não conseguia dar conta da situação. Nessa etapa, Thiago fazia futebol na escola às sextas-feiras. Logo no início do Ensino Fundamental II, Thiago passou por alguns problemas pessoais fora da escola e precisou ser transferido para uma escola menor, o que foi muito bom para ele, pois a transição da etapa anterior da Educação tinha vindo acompanhada da mudança do material escolar, de livros didáticos para apostilas. Sempre bastante dedicado aos estudos, por influência da família, Thiago estudava em casa, fazia todas as lições indicadas, mas não estava dando conta do material apostilado. A mudança para escola também resultou em uma maior atenção por parte dos professores, pois se antes as turmas tinham entre 30 e 40 alunos, passara para turmas entre 10 e 20 alunos. Fez grandes amigos na escola, muitos que permanecem até hoje. Thiago, sempre que possível, permanecia na escola depois do período escolar para jogar futebol com os amigos. Nunca teve dificuldade em questão de aprendizagem. Tinha notas boas e, algumas vezes, estava entre os primeiros da turma. A escola também era um lugar para namorar e a transição para o Ensino Médio veio acompanhada de uma pequena crise, o que fez cair um pouco seu rendimento. Precisou tomar remédios fortíssimos para melhorar desse problema. Nessa época, ele já sabia que faria faculdade, pois seu primo cursava Direito e sempre foi grande influência na vida de Thiago. Ele queria ser professor, mas não sabia de quê. Estava em dúvida e chegou a pensar em Geografia e História. Só foi decidir que o curso era Licenciatura em Matemática no 3º ano do Ensino Médio, quando optou por fazer um curso pré-vestibular, pois, mesmo sendo uma escola particular, sabia das limitações daquela escola. Durante o

Ensino Médio, Thiago começou a namorar uma garota, com quem está até hoje. No último ano da Educação Básica, em 2006, Thiago prestou FUVEST e entrou, na segunda chamada, no curso de Licenciatura em Matemática no período noturno. Para ele, a escola foi um momento importante da sua vida porque lá existiam pessoas da sua idade que, além de acompanhar seu crescimento, estavam vivendo as mesmas situações. A sua entrada na graduação foi marcada por grandes dificuldades, sobretudo pela maneira com que estava acostumado a estudar. Se na escola estudar um dia antes da prova funcionava, essa estratégia já não era mais eficaz. Depois de pegar o jeito do Ensino Superior, não teve grandes dificuldades. Porém, já não estava mais entre os primeiros da turma. Ele conseguiu um estágio em uma escola particular como plantonista. Além disso, também fez iniciação científica e foi monitor de disciplinas no IME. Na graduação ele teve contato com professores marcantes e foi o lugar onde estabeleceu laços de amizade importante. Para ele, diferente da escola, as relações são mais sólidas, talvez por ser um público mais velho, com responsabilidades e bastante diferentes uns dos outros. No momento que fez a sua entrevista narrativa autobiográfica, Thiago estava cursando o último semestre da graduação e pretendia cursar o mestrado profissional em Educação Matemática que tinha sido inaugurado no IME-USP, isso porque tinha interesse em lecionar no Ensino Superior.

Henrique, nascido em 1982, filho de pais que não tiveram oportunidade de estudar, passou toda a sua vida em escola pública. Ele não tinha grande apoio da mãe e do padrasto se considerar os estudos. Isso por falta de instrução por parte deles. A mãe, quando tentava ajudar, agredia o filho quando ele não conseguia realizar alguma atividade. O padrasto utilizava técnicas que tinha aprendido no exército. Henrique sempre apresentou bastante dificuldade para acompanhar o ritmo exigido pela escola, em todas as disciplinas. Ele repetiu a 2ª série do Ensino Fundamental e morou com a avó no ano seguinte. Seu rendimento melhorou bastante, pois além de ter a atenção da avó, as

condições dentro e fora de casa eram bastante diferentes. Antes, chegou a residir por volta de 15 pessoas na casa da sua mãe que dispunha de quarto, cozinha, banheiro e uma pequena sala. O lugar onde sua família morava era cenário de bastante violência, criminalidade e drogas. Depois de concluir a 2ª série, voltou a morar com a mãe, conseqüentemente, o rendimento escolar voltou a cair. Henrique não entendia como funcionava a aprendizagem e, para ele, essa se dava pela capacidade de decorar as coisas, mas mesmo em relação à leitura ele tinha dificuldades, não conseguia interpretar. Ficava surpreso com os colegas de classe que conseguiam e os invejava, tentava ser como eles, mas não conseguia. A escola que se fazia como uma obrigação em sua vida era um lugar em que brigava bastante e, assim, conseguia o reconhecimento de todos. A conclusão da Educação Básica foi motivada por causa do diploma que lhe possibilitaria adentrar o mercado profissional. Em um de seus empregos como atendente de telemarketing, fez novas amizades com pessoas mais instruídas, foi quando decidiu fazer faculdade. Em 2004, Henrique começa o curso de Economia em uma faculdade privada, pois constatou que, de todas as disciplinas da escola, a Matemática era aquela que tinha menos dificuldades, mas acaba tendo contato com disciplinas da área das Ciências Humanas. É quando decidiu trocar para o curso de Matemática e, no ano seguinte, fez uma prova de transferência para a USP, ingressou no curso de Bacharelado em Matemática e se transferiu para o curso de Licenciatura em Matemática devido às dificuldades enfrentadas. Ao longo da graduação, ele começa a trabalhar como plantonista em um curso pré-vestibular e pretende dar continuidade aos estudos, em curso pré-vestibular, para preencher algumas lacunas da Educação Básica que ficaram em sua vida.

Já Eduardo não teve muitos altos e baixos na sua trajetória. Nasceu em 1987, sua mãe já tinha Ensino Superior e o pai tinha uma empresa. Os pais sempre acreditaram que os estudos possibilitariam um bom emprego, assim, sempre investiram na Educação dos filhos. Eduardo sempre estudou em escola particular, mas em casa não tinha tanta atenção dos

pais, pois esses trabalhavam bastante e permaneciam fora o dia inteiro. Ele ficava bastante tempo sozinho. Na escola, tinha dificuldades para se relacionar e, em meados do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, chegou a fazer tratamento com psicólogos, devido, também, a outros fatores. Apenas no Ensino Médio teve poucas dificuldades com alguns conteúdos disciplinares. Seu irmão mais velho, sempre bem sucedido nos estudos, servia de exemplo para Eduardo. Esse tinha feito Engenharia e Eduardo queria seguir no mesmo caminho. Depois de concluir a Educação Básica, em 2004, fez um ano de curso pré-vestibular e ingressou no curso de Licenciatura em Matemática no ano de 2006. Para ele, a USP era um local privilegiado, lá encontraria grandes gênios. No início, acreditava que a graduação seria um local de muita curtidão. Trancou por um ano, quando fez intercâmbio, e quando voltou começou a trabalhar como plantonista em escola e curso pré-vestibular. Porém, mais para o final do curso, começou um estágio em um banco, onde optou por seguir carreira. Ele disse que faria um curso de pós-graduação no setor financeiro e que, de alguma maneira, talvez com projetos paralelos, continuaria se relacionando com a área da Educação.

Em relação a Lucas, seus pais estudaram até a 4ª série e em sua adolescência seu pai saiu de casa, não estabelecendo qualquer contato desde então. Além de Lucas, seus pais tiveram quatro filhas e um filho. Todos eles, com pelo menos dez anos de diferença de Lucas, fizeram algum curso de nível superior. Sempre houve investimento na Educação de Lucas. Se a mãe não tinha condições para pagar uma escola particular, os irmãos se juntavam para isso. Segundo Lucas, a escola foi o melhor momento da sua vida. Lá ele aprendeu tudo o que sabe, fez seus grandes amigos e mais do que isso, opta pela carreira de professor para não precisar sair da escola. Nunca apresentou qualquer dificuldade com os conteúdos escolares. Em 2005, Lucas terminou a escola, fez um ano de curso pré-vestibular e ingressou, em 2007, no curso de Licenciatura em Matemática. Apesar da sua Licenciatura em Matemática, Lucas diz que aprendeu praticamente tudo que sabe, inclusive sobre a profissão de

professor, na escola. Em 2008, ele começou como plantonista em uma escola. Depois disso, começou também como plantonista em cursos pré-vestibulares e conseguiu uma turma para dar aula como professor. Após concluir a graduação, Lucas não tem tantos planos para continuar estudando e disse que talvez faça um mestrado profissional em Educação Matemática, curso esse oferecido também pelo IME-USP.

Leandro nasce em 1988. Seu pai não estudou muito, a mãe é analista de sistemas. Tem uma irmã dois anos mais velha. Os pais, apesar de não terem uma condição financeira tão favorável, sempre acreditaram na importância da Educação e investiam nessa da maneira que podiam. Leandro estudou a 1ª e a 2ª série em escola particular, mas, por causa de dificuldades financeiras, permanece até o final do Ensino Fundamental em escola pública. Na 5ª série do Ensino Fundamental, uma tia muito querida de Leandro falece. Nessa época, seu rendimento escolar que nunca tinha sido ruim começa a cair. Com isso começam as primeiras dificuldades. Na 8ª série, Leandro adentra um projeto de Física por causa de uma instituição religiosa que frequenta com os pais. Isso faz despertar o interesse nos estudos e as perspectivas para ele começam a mudar. Ele quer ser Engenheiro. A transição para o Ensino Médio vem acompanhada de uma bolsa de estudos numa escola particular que, para ele, é bastante boa, pois sua proposta de estudos é voltada para o vestibular. Ele termina a escola em 2006, presta para Engenharia na FUVEST, mas não consegue o ingresso. Todos os anos posteriores Leandro fez cursinho pré-vestibular, exceto 2009, que ingressou em Engenharia na Universidade Estadual de Londrina, mas desiste e volta para São Paulo. Em 2011, mais uma vez, não conseguiu o ingresso em Engenharia pela FUVEST e ingressa em 2012 no curso de Licenciatura em Matemática, que era menos concorrido, por meio de uma proposta nova da FUVEST, em que os candidatos podiam optar por outro curso depois do resultado do vestibular. Leandro, no momento que participou da pesquisa, estava em meados da sua graduação e disse que concluiria o curso para ter uma formação, mas não sabia se atuaria como professor.

Cristina, a única mulher que fez parte da pesquisa, nasceu em 1991, sua mãe tem o Ensino Médio completo e o pai tem uma empresa e é graduado em *Marketing*. Os pais sempre defenderam a importância dos estudos na vida de Cristina. Sempre pagaram escola a fim de tentar garantir uma boa formação inicial, pois, só assim, poderia dar continuidade aos estudos, ter uma formação e conseguir um bom emprego. Ela sempre estudou na mesma escola, essa que se voltava bastante para atividades culturais. Cristina sempre participou de todas as atividades que aconteciam na escola. Apenas no Ensino Médio a proposta da escola muda, o ensino se volta para o vestibular, é quando as primeiras dificuldades com as disciplinas começam para Cristina. Ela se adapta ao modelo de estudo da escola no mesmo momento que a Educação Básica está para se concluir, isso é em 2008. Em 2009, Cristina começa um curso superior em Moda, permanecendo durante o primeiro semestre apenas. Já em 2010, ela faz um curso pré-vestibular e, em 2011, ingressa no curso de Licenciatura em Matemática. O ingresso na graduação vem acompanhado de grandes dificuldades de aprendizagem por parte de Cristina e ela chega a cogitar a possibilidade de parar os estudos. Porém, com metade do curso completo, mesmo apresentando grandes dificuldades, ela disse que vai concluir a Licenciatura em Matemática para ter uma formação.

Escola?!

Conforme se observa pelas relações indicadas entre os sujeitos e a escola, essa é tida como um lugar onde se estabelecem diversos tipos de relações, sobretudo relações de aprendizagem e relações sociais. As escolas pelas quais esses sujeitos passaram tem algo em comum: contam com documentos e parâmetros para nortear o seu funcionamento, isto é, normas internas e normas externas, como o Projeto Político Pedagógico e a Lei de Diretrizes e Bases (1996), respectivamente. Se, por um lado, a escola dispõe de certa autonomia, por outro lado, ela está estruturada seguindo um currículo, explícito e oculto, que abrange diversas esferas.

No entanto, não se pode falar de *uma* escola em que todos compartilhem da mesma percepção, por mais que se trate do mesmo prédio escolar, período e sujeitos envolvidos nessa relação. Isso porque cada um, em sua singularidade e trajetória pessoal, incorpora e significa um fato da sua maneira. A existência de um currículo obrigatório nacional não garante, e não deve garantir, uma educação igual para todos, pois suas necessidades, interesses, competências e habilidades não são iguais, inclusive, muitas vezes, são emergentes dessa diversidade da escola, conforme se pode notar pelas trajetórias retomadas anteriormente.

A diversidade na escola acontece em muitos âmbitos. A estrutura física da escola é um dos fatores que contribuem para o seu funcionamento, se pensar sua localidade e o seu entorno, acessibilidade e condições materiais para o desenvolvimento do trabalho dos sujeitos que compõem essa relação. Esses sujeitos são muitos e não devem se limitar a professores e alunos, mas todos os funcionários desse ambiente, mesmo aqueles que atuam na gestão, como diretores, coordenadores e assistentes. O espaço escolar também serve como meio para educar, veja o exemplo que segue. A limpeza de uma sala de aula, desde o chão e paredes à lousa e carteiras, por si só, não garante o bom andamento de uma aula, mas pode contribuir para isso. Quem deveria garantir a higiene desse lugar são os próprios sujeitos que nele estão, os professores e os alunos, porém, para assegurar o asseio, existem os funcionários de limpeza. Há também questões burocráticas e questões de secretaria que interferem e influenciam no funcionamento da escola. Os pais dos alunos e seus responsáveis também compõem a relação escola, ou ainda, a comunidade que cerca envolve a escola.

Os apontamentos acima contribuem para que a escola não seja considerada como uma única escola para todos. Ainda nessa perspectiva, as experiências escolares dos sujeitos da escola também são bastante diferentes, o que não quer dizer que não exista semelhança. Porém, o objetivo aqui é dar visibilidade a algumas dessas diferenças por meio da ideia de diversão.

Escola como *diversão* na percepção dos sujeitos

A palavra escola, que deriva do grego *schole*, em sua origem, está associada ao ócio, ao lazer. A escola existe desde a antiguidade clássica e o tempo e espaço do ócio era utilizado para a reflexão da vida, era um lugar para poucos. A escola só era possível, pois existia alguém para garantir outras atividades que não cabiam na escola, como o trabalho e a política, por exemplo. Em meio a tantos conflitos e disputas de espaço, será que é possível pensar, em algum nível, a escola na sociedade contemporânea como a *schole* grega? Qual é o lugar da escola hoje? Não existe uma única resposta para tal questão, tampouco é possível esgotar a pergunta, já que cada sujeito faz sua própria escola, claro que dentro das suas limitações. Retomando o objeto principal da discussão aqui travada, será discutido o sentido da diversão na escola.

Se procurada em qualquer dicionário, a palavra *diversão* tem algumas concepções, como o de divertimento ou a mudança de rumo ou direção. Frequentemente, apenas o primeiro aspecto é levado em consideração e o papel da diversão fica pela alegria, brincadeira, distração, entretenimento, festa, lazer, passatempo, recreação e prazer. Talvez por isso, os anos iniciais na escola venham, de modo geral, mais acompanhados da diversão do que seus anos posteriores que exigem um trabalho mais custoso se considerado o nível de exigência intelectual. A seguinte apresentação do termo é bastante sugestiva para a discussão que seguirá:

A palavra "di-versão" vem do verbo *vertere*, voltar ou voltar-se; A di-versão quer dizer em seu sentido primário apartar-se de algo e, portanto, voltar-se para outra coisa. O correlato da di-versão é a conversão: aparto-me de uma coisa e me converso ou me volto a outra. Em espanhol há outras palavras também interessantes: "entretenimento"; ou "recreio"; nos recreamos em algo, reprimamos as coisas, lhes damos frescor, as fazemos novas. De certo modo, a diversão é uma suspensão da vida real, que quase sempre é fatigante; Às vezes se está simplesmente cansado; outras vezes, e isto é mais grave, se está *cansado da vida*, ou sente-se-lhe o peso ou o pesar. A diversão é então a

suspensão desse peso, um descanso ou alívio, e para isso um desvio: deixo de momento o peso da vida e me volto para outra coisa. [...]. Esta é uma função essencial da diversão. Tem porém outra mais positiva: a dilatação da vida. A diversão me enriquece, me leva a outros lugares, presenças, paisagens, histórias; [...] Uma das dimensões mais interessantes da diversão é a sua *antecipação*, que tem relação com sua frequência. [...] Quando o prazer ou a diversão são imediatos, constantes, frequentes, esse gozo da antecipação diminuir ou desaparece. (MARIAS, 1989, p.206)

Ao conhecer as relações estabelecidas entre os sete colaborados de pesquisa e as escolas pelas quais passaram em suas vidas, constata-se que a diversão é trazida em diferentes, conforme se discutirá a seguir. O primeiro aspecto relevante se fez nos casos de Bruno e Henrique, cujas condições econômicas não eram tão favoráveis. As perspectivas, sobretudo profissionais, conseqüentemente as condições materiais, dadas suas trajetórias, eram bastante limitadas. Ambos de famílias bastante humildes, estudantes da escola pública durante a vida inteira, a escola serviu-lhes, não exclusivamente, como suspensão da realidade. A escola servia como um lugar de destaque tanto para Bruno quanto para Henrique, por fatores diferentes. No caso de Bruno, ele que sempre gostou de estudar, aprender novas coisas, tinha bastante facilidade e era o primeiro da sala, era reconhecido pelos colegas e também pelos professores, fazendo com que tivesse atenção dos outros. Esse lugar de destaque possibilitou, inclusive, relações de namoro, pois, segundo ele, por mais que não fosse dos mais bonitos, algumas meninas tinham-no como um rapaz responsável e que poderia dar certo na vida. Além disso, alguns episódios escolares envolvendo professores foram bastante marcantes na vida de Bruno. Por exemplo, quando estava na 8ª série do Ensino Fundamental e a sua professora de Ciências gostou tanto de um trabalho dele e não lhe deu apenas um dez, mas apresentou o trabalho em outras escolas. Ou, então, quando, em um concurso de redação, ficou entre os primeiros colocados da sua escola e ganhou um livro. Já no Ensino Médio, a escola promoveu um passeio cultural e Bruno, apesar de demonstrar

bastante interesse naquilo, passava por muitas dificuldades dentro de casa, sobretudo financeiras. Com grande esforço, sua mãe lhe deu R\$ 5,00 para que pudesse participar da atividade e, para sua surpresa, a professora responsável, sabendo da situação de Bruno, lhe pagou o passeio de modo que pudesse utilizar aquele dinheiro para ajudar em casa. Foi um dia bastante feliz para Bruno, pois, além de participar do passeio com os colegas, tinha o reconhecimento da professora e não tinha prejudicado sua família. Durante a graduação, Bruno disse que seu pai ainda não valorizava os estudos, mas isso mudou quando em uma conversa Bruno começou a falar do seu emprego de professor, de como eram as suas condições de trabalho e o quanto era valorizado financeiramente. O pai, humilde e sem muita instrução, ficou bastante surpreso, pois para ele não era possível ganhar tanto quanto Bruno tinha dito. Bruno lhe disse que se tivesse começado a estudar mais cedo e que se continuasse estudando, poderia ganhar ainda mais.

Com Henrique a situação foi um pouco diferente, uma vez que não tinha facilidade em questões de aprendizagem, pelo contrário. Ele reconhecia nos colegas a facilidade com as disciplinas, sobretudo a capacidade de argumentação. Por mais que quisesse e tentasse ser igual, ele não conseguia. Sendo assim, para garantir seu lugar de destaque, recorria a outros recursos, a força física. No geral, a escola é um lugar onde acontecem relações de aprendizagem. Para Henrique, a escola que se fazia como uma obrigação em sua vida, era um lugar para brigar. Ele sabia da sua força física e também da sua agressividade, sobretudo pelas condições que vivia fora da escola, e reproduzia isso com os colegas. Todos o temiam. Henrique chegou a perder um ano escolar e foi morar com sua avó, para aproveitar mais a escola e melhorar seu rendimento. Segundo ele, foi uma das melhores épocas da sua vida. As diferenças começavam, em primeiro lugar, pela alimentação, tanto na casa da sua avó, que tinha leite no café da manhã, por exemplo, e da merenda da escola, pois era uma escola municipal e a merenda, para ele, era muito melhor do que a da escola estadual onde estudava. Além disso, durante muito tempo,

principalmente no final do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, a escola era tida como um espaço de socialização apenas. Na própria sala de aula, se reunia com os colegas para ficar conversando e brincando. No geral, disse ter bastante medo e respeito por seus professores, isso porque eram visto como autoridade. Então, de alguma maneira, a escola lhe ensinou valores, podendo servir como dilatação da realidade.

Para além dos valores pessoais, também existiram situações de aprendizagem que foram valorizadas por Henrique. No Ensino Médio, Henrique gostava bastante das aulas de química, pois além de acompanhar um programa de televisão que tratava de alguns assuntos que via em aula, o professor trabalhava com experiências. Para Henrique, aquilo era fantástico e tanto em casa, quanto na sala de aula, ele participava e se dedicava às atividades. A suspensão da realidade decorrente da escola, como vinha sendo discutida, não aconteceu apenas durante a Educação Básica. Depois de concluir a escola, Henrique trabalhou durante bastante tempo em empresas *de telemarketing*, onde não tinha perspectiva alguma de crescer profissionalmente. Porém, acabou conhecendo pessoas que tinham um pouco mais de instrução do que ele, que pensavam e agiam diferente, principalmente porque seu vocabulário era bastante limitado e o dessas pessoas não. Para ele, essa limitação é decorrente da maneira como cursou a escola. Henrique associou as habilidades dessas pessoas ao investimento que tinham feito nos estudos, pois faziam faculdade. Foi quando, pela primeira vez, Henrique cogitou a possibilidade de fazer um curso de nível superior e entrou, em um primeiro momento, em uma faculdade privada e, posteriormente, conseguiu a transferência para USP, conforme assinalado anteriormente. Ele sempre teve bastante dificuldade na escola e na faculdade não era diferente. Precisou se dedicar bastante aos estudos para começar a acompanhar as turmas. Até que, em um dado momento, percebeu que aprender não era apenas uma habilidade em decorar, mas que estava relacionado à capacidade de interpretar e estabelecer relações. Foi quando seus hábitos começaram a mudar, pois passara a dedicar boa parte do seu tempo aos estudos. Já não saía mais

para curtir com os amigos com tanta frequência. Além disso, começou a perceber que existia a possibilidade de ter uma condição de vida melhor, que era possível progredir na sua carreira profissional. Consequentemente, se deu conta que existia uma lacuna cultural na sua vida, que ainda o limitava em algumas situações, tudo por causa da maneira como passou os anos na escola. Sabendo dessa necessidade, em seus planos, Henrique disse que faria um curso pré-vestibular e que continuaria estudando. Ele disse que um momento importante da sua vida, quase já no final da graduação, foi perceber de onde tinha saído e onde tinha conseguido chegar. Em sua adolescência, as drogas e o crime eram muito frequentes nos grupos que frequentava e sabia que a USP, lugar onde conseguiu chegar, não era para muitos. Isso fez bastante diferença para ele, pois começou a valorizar a vida de uma maneira diferente.

Nos outros cinco casos, a questão da diversão aparece muito mais como dilatação ou antecipação da vida do que como suspensão da realidade. Um fato que pode ter relação com isso é o incentivo aos estudos por parte dos pais, sobretudo pelo nível de estudo dos seus familiares. Em todos os casos, pelo menos um membro da família tinha grau superior. No caso de Lucas, não eram os pais, mas todos os irmãos mais velhos. Já no caso de Leandro, que não tinha nenhum parente direto com formação superior, tinha alguns tios de consideração que incentivavam bastante os estudos dos seus filhos, o que foi grande influência para família de Leandro. Todos tiveram alguma dificuldade na escola: relações pessoais, relações com a aprendizagem, dificuldades financeiras e até mesmo o acesso à escola. Porém, em algum momento, a escola lhes propiciou a consciência de que os estudos eram importantes e o desejo em continuar estudando, após a conclusão da Educação Básica. Thiago, ao longo do Ensino Médio, já sabia que faria faculdade, pois, como já foi dito, tinha um primo que cursava Direito e esse sempre serviu como influência positiva na sua vida, queria seguir seus passos. Além disso, já sabia que seria professor. No início, tinha algumas dúvidas de qual disciplina lecionaria porque também gostava da área das Ciências Humanas, apesar de ter

mais facilidade com as disciplinas nas Exatas. Bem como Thiago, Lucas, também sabia que seguiria como professor. Isso porque nunca pensou em sair da escola. Foi lá onde constituiu seus laços de amizade, aprendeu tudo que sabe e passou os melhores momentos da sua vida. Por causa de alguns professores marcantes, sobretudo do curso pré-vestibular que fez, optou por Matemática, além de ser a disciplina que mais gostava e que tinha facilidade na época da escola.

Enquanto Thiago e Lucas já projetavam ser professor, ainda na escola, o mesmo não aconteceu com Eduardo, Leandro e Cristina. Se eles sabiam que continuariam os estudos após concluírem a Educação Básica, a princípio, a área de interesse era outra. Todos eles optaram, em algum momento das suas vidas, pelo curso de Engenharia. O irmão de Eduardo, também grande inspiração, tinha cursado Engenharia e era bem sucedido em questões profissionais. Além da projeção que já acontecia na escola, Eduardo percebia existir diferenças entre os amigos de onde morava e os amigos da escola, mas essas comparações só foram feitas em festas escolares que ele convidou seus amigos para participar. Ele disse que o jeito de se vestir e de se portar era bastante diferente entre os grupos. A escola também propiciou situações culturais em sua vida, por exemplo, as feiras do livro que aconteciam na escola, pois sabia da existência de outras feiras do livro, mas não participaria se não fosse em sua escola. Já Leandro, depois de passar por grandes dificuldades pessoais no início do Ensino Fundamental, que acabaram por prejudicar seu rendimento escolar, começou a participar de um projeto de Física em uma instituição religiosa que frequentava com seus pais. Foi quando começou a despertar seu interesse nos estudos, já que estava bastante desmotivado. Isso aconteceu no último ano do Ensino Fundamental II, 8ª série da época. Ele percebeu que estudar poderia contribuir em muitos aspectos, inclusive, nas formas de se relacionar com as pessoas, por meio dos interesses e assuntos em comum que poderiam surgir. Chegou a participar de competições por causa desse projeto e ganhou prêmios por isso. O projeto de Física e os bons resultados lhe fizeram optar pelo curso de Engenharia, mas,

apesar de frustrado, Leandro ingressa na Licenciatura em Matemática. Na graduação, ele começa a participar de um projeto das Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e, pela primeira vez, começa a se interessar pela carreira de professor.

Com Cristina não foi muito diferente. Durante toda sua vida na mesma escola, instituição essa que valorizava bastante aspectos culturais na formação dos seus alunos, com muitas atividades para além da sala de aula, como música e teatro. Sempre bastante interessada, participava de tudo que a escola lhe oferecia. Nunca teve dificuldades nas disciplinas escolares e nos últimos anos do Ensino Fundamental II foi convidada a participar de um projeto de Matemática em que ajudaria outros alunos através de plantões de dúvidas. Apesar das dificuldades que acompanharam a transição para o Ensino Médio, Cristina pensava em prestar Engenharia por causa de dois de seus professores. A disciplina mais difícil para ela foi Física, sendo a sua primeira recuperação. Mas a estratégia de um de seus professores em fazer experiências científicas contribuía bastante para seu entendimento. Depois da escola e do curso de superior de moda que fez durante um semestre, Cristina ingressou, em 2011, na Licenciatura em Matemática. Durante sua graduação, Cristina passou por grandes momentos de dificuldades com a Matemática, chegando a cogitar a possibilidade de parar com os estudos, segundo assinalado anteriormente. Porém, a entrada em um projeto de iniciação científica, que acontecia dentro da sala de aula em escolas públicas de São Paulo, começou a despertar o interesse nela para continuar e, talvez, seguir como professora. Ela não tem interesse em trabalhar durante sua graduação, pois, por um lado, há incentivo por parte dos seus pais em relação aos estudos e, por outro lado, ela acredita que só pode atuar numa área depois de ter formação para isso.

Todos os meninos, inclusive Eduardo que tinha dificuldade para se relacionar com as pessoas na escola, tiveram o futebol como uma marca muito forte na escola. Para eles, o futebol era um tempo e um espaço deles e para eles, momento em que podiam ser eles mesmos. Em alguns casos,

como no de Bruno, Henrique e Leandro, era uma situação de destaque. Leandro chegou a jogar futebol profissionalmente, mas, ainda na escola, optou por dar continuidade aos estudos e seguir outra carreira, o que, na época, foi uma grande decepção para o pai.

Divertir-se como parte da formação: algumas considerações finais

Foi possível perceber que em muitos momentos das vidas escolares dos colaboradores, durante ou mesmo depois da conclusão da Educação Básica, as situações vivenciadas por eles se faziam em alguma das concepções da diversão, suspensão, dilatação ou antecipação da realidade, como foram apresentadas. Em alguns casos, uma realidade difícil, das dificuldades financeiras e falta de reconhecimento às dificuldades de aprendizagem e falta de interesse enfrentadas eram substituídas por situações de destaque e prazerosas, algumas que aconteciam na escola, ou por causa dela, mas que talvez não aconteceriam em outros lugares. Entretanto, essas mesmas situações de suspensão da realidade convergiam em alguma instância para momentos de aprendizagem, enriquecimento e engrandecimento da vida, ou seja, de dilatação da vida. A própria mudança de rumo nas suas trajetórias, muitas vezes, tiveram como marcas esses momentos que fugiam às realidades vividas, por exemplo, a opção por ingressar em um curso de nível superior ou mesmo continuar com a graduação. Além disso, não se pode esquecer dos momentos de felicidade e entretenimento propiciados pela escolas, esses que contribuem para a ideia mais comum da diversão, o da alegria. Os apontamentos, como foram feitos, contribuem para pensar que, em sua origem, em sua essência, a escola já é um lugar de diversão e, talvez, não precise disputar lugar com outras instituições, instrumentos e meios, uma vez que é ela que, em alguma instância, possibilitar melhores condições de vida.

Referências

MARIAS, Julian. **A felicidade humana**. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, maio/ago. 2006. p. 359-371.

NACARATO, Aldair Mendes. A escrita nas aulas de matemática: diversidade de registros e suas potencialidades. **Leitura: Teoria e Prática**, v. 31, p. 63-79, 2013.

NACARATO, Aldair Mendes. **Práticas docentes em educação matemática nos anos iniciais do ensino fundamental**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2013a.

NACARATO, Aldair Mendes; PASSEGGI, Maria da Conceição. Olhar para si e superar marcas deixadas pela matemática escolar: reflexões de uma futura professora sobre seu percurso de formação. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Artes de sentir: trajetórias de vida e formação**. Fortaleza: EFC, 2012. p. 208-225.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Org.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.

SANTOS, Renan Marcel Barros dos. **Sentidos e contribuições da escola para os projetos pessoais de licenciandos em matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Orientadora: Rita de Cassia Gallego.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

SOUZA, Elizeu Clementino de; UZÊDA, Leomárcia Caffé de Oliveira. Histórias de vida, narrativas (auto)biográficas e docência na educação infantil. In: TAKEUTI, Norma Missae; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 256-268.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PAULA, Maria José de; GOMES, Maria Laura Magalhães; AUAREK, Wagner Ahmad. **Viver e narrar: experiências e práticas de professores de matemática.** São Paulo: Livraria da Física, 2011.

Prof. Ms. Renan Marcel Barros dos Santos

Universidade de São Paulo - Brasil

Professor de Matemática da rede privada de ensino

Grupo de Pesquisa: Novas Arquiteturas Pedagógicas

E-mail: renan.marcel.santos@gmail.com.

Prof^a Dr^a Rita de Cassia Gallego

Universidade de São Paulo - Brasil

Programa de pós-Graduação em Educação

Núcleo de Apoio à Pesquisa (USP)

Grupo de Pesquisa: Novas Arquiteturas Pedagógicas

E-mail: ritagallego@usp.br

Recebido em: 21 de setembro de 2015

Aprovado em: 16 de novembro de 2015